

EDITORIAL

EDITORIAL

JOSÉ RENATO SALATIEL¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - Brasil
jrsalatiel@hotmail.com

MICHELA BORDIGNON²

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - Brasil
michelabordignon81@yahoo.it

O campo de estudos em epistemologia comporta alguns dos debates mais diversificados e instigantes da filosofia contemporânea, com amplas repercussões em áreas correlatas, como metafísica, linguagem, política, ética e lógica. O presente número da *Sofia* traz um apanhado dessas produções atuais, conduzida por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, em seu “Dossiê Epistemologia”. A proposta surgiu do *1º Simpósio de Epistemologia*, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, de 12 a 14 de setembro de 2017, em parceria com o *II Colóquio Internacional do Grupo “Crítica e Subjetividade”*.

Dois artigos nesta edição discutem epistemologia das virtudes, hoje uma célebre área de pesquisa em epistemologia normativa. Em “A ética da crença: uma defesa moderada da posição indiciária”, Eros Moreira de Carvalho (UFRGS) analisa e critica dois argumentos de William Clifford em favor das normas do que é legítimo ou não crer diante de evidências insuficientes. Já em “Vícios intelectuais, virtudes e investigação”, o foco de Felipe Rocha Santos (UFBA) são os conceitos de vícios e virtudes intelectuais, com interessantes exemplos de sua argumentação em situações envolvendo redes sociais e prática médica.

Falhas em nossos aparatos epistêmicos, e como evitá-las, são investigadas em outros dois artigos deste volume. Casos de ignorância desculpável em cenários semânticos externalistas motivam o debate de André J. Abath (UFMG), em “Desculpados pela ignorância?”, com Paulo Faria e outros autores. Breno Guimarães Santos (UFMT), por sua vez, discute a genealogia do conceito de

¹ Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Bolsista PNPd/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

conhecimento, em “Genealogia epistêmica e normas de credibilidade”, a partir dos trabalhos de Edward Craig e Miranda Fricker.

O “Dossiê Epistemologia” traz ainda artigos que exploram elementos lógicos do conhecimento e das crenças. Em “Plausibilidade argumentativa, lógica de revisão de crenças e resistência racional a argumentos cogentes”, Fernando Furtado (Universidade de Lisboa) defende que a plausibilidade, e não a cogência, é suficiente na composição de regras que levam à revisão de crenças. Outro artigo, intitulado “Towards a dual ontology: duality, a case study”, de Francesco Maria Ferrari (Unicamp), reflete sobre implicações ontológicas do conceito de emergência por dualidade, oriundo da lógica modal e da teoria das categorias, no âmbito da física moderna.

Epistemologia das ciências é o tema abordado em “Duas correções à epistemologia de Popper”, no qual Remi Schorn (Unioeste) critica dois pontos na filosofia popperiana, relativos às concepções de verdade correspondencial e à ontologia relacional no autor de origem austríaca.

Por fim, dois trabalhos flertam com a filosofia moderna. Em “Entre o eu puro e o eu empírico: McDowell, Adorno e as linhas gerais para uma leitura materialista e realista da gênese da autoconsciência em Hegel”, Erick Lima (UnB) examina as relações da filosofia hegeliana com o empirismo mínimo e o realismo epistemológico de John McDowell. E os fundamentos racionais da crença religiosa em John Locke são objeto de investigação de “O diálogo entre a razão e a revelação na epistemologia de John Locke: um estudo dos capítulos xviii e xix do livro IV do Ensaio”, de Ramiro Marinelli Duarte (PUC - Campinas).

Completam este volume seis artigos na seção “Fluxo contínuo”, cujos conteúdos versam sobre Kant, Agamben, Hegel, Nietzsche e Wittgenstein.

Um conjunto de três artigos relacionam-se por temas ligados à ética e à política. Em “O conceito de mal em Kant é suficiente?”, Henrique Franco Morita (UFSC) critica o uso desse conceito kantiano na análise que Hannah Arendt faz dos regimes totalitários, ao passo que Daniel Arruda Nascimento (UFF), em “A ontologia da operatividade na obra de Giorgio Agamben”, faz uma exposição da teoria do filósofo italiano no contexto de uma crítica à metafísica, com implicações na política contemporânea.

O pensamento político de Hegel, por seu turno, é assunto para “Reforma ou revolução na filosofia política de Hegel, a via prussiana e a via francesa para a realização da razão”, de John Aquino (UFC), no qual o autor busca esclarecer as posições políticas do filósofo alemão diante mudanças sociopolíticas na Modernidade.

Nietzsche é figura de destaque em outros dois trabalhos aqui publicados: “Notas sobre a crítica de Nietzsche à filologia e à educação”, de Tereza C Calomeni (UFF), relaciona a crítica nietzschiana da filologia ao ensino alemão da época, e “Entre o universal e o singular: Oswaldo Giacoia Junior e o grande dilema da filosofia contemporânea”, de Fernando Costa Mattos (UFABC), é voltado à obra desse filósofo brasileiro, especialista em Nietzsche.

Já o artigo “Da descrição à gramática da ‘percepção’ no período intermediário de Wittgenstein”, Paulo H.S. Costa (UFG) trata da transição do pensamento do filósofo austríaco, de uma abordagem fenomenológica à gramatical, na análise de gradações no campo visual.

Desejamos, com mais esta edição da **Sofia**, contribuir significativamente para o desenvolvimento da pesquisa e para o ensino de Filosofia no país.